



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo Temático – 4 Formação de Professores

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NO DISCURSO DOCENTE

Michelle Beltrão Soares - UFPE

RESUMO: O presente trabalho é parte dos resultados de um projeto maior realizado em 2010, cujo objetivo foi apreender a produção de sentidos da violência escolar, definição de conceitos dessa violência, explicações para o fenômeno, relatos de experiências e estratégias de enfrentamento de professores, através da análise de discursos. O recorte que se segue objetivou identificar o que os professores de escolas públicas e privadas da Região Metropolitana do Recife, discorrem sobre as suas estratégias de enfrentamento para o fenômeno da violência em sala de aula. O processo de coleta de dados se deu através de entrevistas semi-estruturadas. Na análise, adotamos a abordagem desenvolvida pela psicologia social discursiva, proposta por autores como Billig, 1985 e Potter e Wetherell, 1987, chamada análise do discurso. Identificamos que as estratégias de enfrentamento para a violência apontada pelos professores dividem-se em duas categorias: o que os professores fazem para enfrentar o fenômeno da violência; e o que os professores sugerem que deve ser feito para que essa realidade seja transformada.

Palavras-chave: Violência Escolar; Discurso; Enfrentamento; Professores.

INTRODUÇÃO

A violência escolar no Brasil vem sendo bastante difundida nas últimas décadas, principalmente pela mídia, frente aos inúmeros casos ocorridos e cada vez mais frequentes na sociedade. Desde a década de 80, estudiosos debruçam-se sobre essa temática no país, dando ênfase a determinados aspectos de suas investigações, considerando-os como determinantes específicos de cada realidade observada. Desta forma, além de determinantes da violência escolar comuns às diversas regiões do Brasil, existem especificidades que precisam ser identificadas.

A escola não consegue impedir que a violência se manifeste em seu interior. Ela interage em todos os sentidos com a sociedade e acaba por absorver também os fenômenos que se alastram em outras esferas sociais. Santos (2001) afirma que o reconhecer a violência no espaço escolar como uma das novas questões sociais globais, parece ser um dos caminhos interpretativos desse fenômeno social. E quando falamos

da violência no interior da escola, não podemos deixar de destacar a violência contra o docente.

A violência contra o professor é tema cada vez mais frequente dos programas midiáticos, assim como, é conteúdo recorrente de diversas pesquisas nacionais. Refletindo sobre isso, resolvemos realizar uma investigação que tivesse como foco a violência a partir do olhar do professor, utilizando como material de análise os discursos dos próprios professores. Partimos inicialmente das seguintes questões: o que os professores falam a respeito da violência escolar? Como eles definem e explicam esse tipo de violência? Desta forma, procuramos chegar às estratégias de enfrentamento dos docentes de escolas públicas e particulares da nossa Região Metropolitana.

Um estudo sobre o fenômeno da violência escolar na cidade de Vitória – ES, por exemplo, realizado através de observações e entrevistas com alunos pertencentes a escolas públicas e privadas, aponta algumas diferenças: se na escola particular, os alunos preferem agredir os professores de maneira verbal e muitas vezes de forma sutil, quase imperceptivelmente; na escola pública os alunos optam por expressar prática de agressão, não só verbal, mas física também, nos momentos ociosos ou no recreio (CAMACHO 2000). Considerando a realidade recifense, também nos colocamos a seguinte questão: há diferenças no modo como os professores de escolas públicas e privadas enfrentam a violência? Se há, por quê? Deste modo, optamos por dividir os professores em dois grupos distintos, docentes de escolas públicas e docentes de escolas privadas.

Alguns estudos (ZALUAR, 1985, 1994 e PERALVA, 2000) afirmam que a ausência de investimentos na escola e na formação dos docentes, somada à ausência de projetos educativos que tratem dessa realidade, são determinantes que precisam ser considerados na investigação da violência escolar. Ou seja, a desvalorização do espaço escolar, a desvalorização do professor e as metodologias das práticas pedagógicas podem influenciar o estabelecimento de um quadro de práticas violentas.

Levando em conta que a maioria dos estudos brasileiros sobre a violência na escola considera aspectos caracterizados em realidades específicas e reconhecendo o professor enquanto o sujeito da prática pedagógica mais atingido pela questão da violência, nossa investigação tem por objetivo analisar os discursos de professores de estabelecimentos escolares públicos e privados, da Região Metropolitana do Recife, a fim de identificar que estratégias utilizam para enfrentar essa realidade no cotidiano.

O que entendemos por violência?

O fenômeno da violência engloba questões sociais, políticas, econômicas e psicológicas (PINO, 2007). Em sua complexidade, é um fenômeno estudado por diversos teóricos, que enfatizam seus diferentes aspectos e multiplicidade de sentidos atribuídos. Não pretendemos abordar esse fenômeno em sua complexidade, mas discutir alguns pontos específicos que nos interessam para elucidação, nos limites de espaço de nossa investigação.

Considerada a violência como um fenômeno, ao mesmo tempo social – por ter a ver com as condições históricas da sociedade que estabelece os limites das ações humanas – e individual – por ter a ver com o foro interno de cada indivíduo que decide respeitar ou não esses limites –, pode-se dizer que praticar ou não a violência, mesmo em situações de difícil escolha (por dissentir, por exemplo, da justiça ou da legitimidade da ordem social em que tudo isso tem lugar), é um aspecto do livre agir humano (se não for negado o princípio do livre arbítrio) susceptível de educação. (PINO, 2007, p. 15)

No entanto, ainda que existam muitas concepções sobre o fenômeno, a ideia de violência é entendida habitualmente como um conteúdo de coerção, agressão ou violação de indivíduos no que diz respeito à sua integridade física ou moral e a seus direitos (MARQUES, 2006). Acordando com isso, Michaud (1989, p. 11) propõe que,

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta; maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Comumente a violência é classificada em dois tipos, física e simbólica. Para Chauí (1998, p. 33), por exemplo, a *violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror*. Na caracterização da violência por Chauí, observamos o aspecto da violência identificada como um ato, enfatizando os aspectos físicos e psicológicos. Para Abramovay (2003) a violência também aparece como um ato físico, praticado de um sujeito contra outro, além de enfatizar os conceitos de violência simbólica, verbal, e institucional.

Segundo Marques, 2006, o termo violência vem do latim *violentia* que deriva da raiz vis, significando força, vigor, potência, emprego da força física. Pode-se dizer que violência como dano físico é mais facilmente identificável, mas simbolicamente a violência requer uma atenção maior para ser identificada. Para Chesnais (1981) existem

várias concepções de violência, porém o referente empírico deste conceito é a violência física, que pode resultar em danos irreparáveis à vida dos indivíduos.

Nesse sentido, a violência assume especial relevância, estimando-se às notícias midiáticas de fatos violentos, mundiais e internacionais, sofridos pela população em geral. A imprevisibilidade das ações violentas e a crescente consciência da impotência perante ela fazem-nos crer que todos nós já sofremos ou iremos sofrer algum tipo de violência física ou simbólica em algum momento de nossas vidas. De acordo com a OMS, a violência representa um problema de saúde pública de graves dimensões, amplamente disseminado em todos os países do mundo (MINAYO, 1999).

A violência simbólica para nós aparece com o enfoque psicológico, considerando abusos como ataques verbais, ameaças, desprezo, transgressões das normas, etc. Coibições que vão além das agressões físicas. Segundo Adorno (1988, p.3), a violência está presente em diferentes tipos de relações intergrupais e interpessoais:

Ao mesmo tempo que ela expressa relações entre classes sociais, expressa também relações interpessoais(...) está presente nas relações intersubjetivas, aquelas que se verificam, entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre profissionais de categorias distintas. Seu resultado mais visível é a conversão de sujeitos em objetos, sua coisificação. (...) A violência é simultaneamente negação de valores considerados universais: a liberdade, a igualdade, a vida.

Evans (1996, p. 81) também compreende a violência psicológica como uma violência que envolve o abuso de poder, envolvendo o poder no sentido de “resolver pelo outro”; humilhação e coisificação do outro.

E sobre a Violência Escolar?

Assim como a violência em geral, no contexto escolar esse termo também tem significado polissêmico e é corriqueiramente empregado pelos educadores para classificar comportamentos indisciplinados ou violentos. Os sintomas da violência emergem nos vários espaços sociais, com maior frequência na família, no bairro, no mundo do trabalho e, como não poderia deixar de ser, no espaço escolar. De acordo com Charlot (2005), é importante diferenciar os casos de violência observados na escola. O autor os distingue em três categorias, a violência *na* escola, a violência *à* escola e a violência *da* escola, ressaltando que apenas a violência *à* escola e a violência *da* escola referem-se ao interior da instituição escolar.

Ainda segundo Charlot, a violência na escola é caracterizada por sujeitos alheios

ao ambiente escolar que utilizam o espaço para cometer crimes, tais como: homicídios, agressões, tráfico de drogas, etc. Enquanto a violência da escola ocorre através da violência institucional e simbólica, cometida pela escola contra os seus alunos. Já a violência à escola relaciona-se a práticas violentas de alunos contra professores e contra o patrimônio institucional.

Para autores como Abramovay e Ruas (2002), algumas causas para a violência escolar estão relacionadas tanto a agentes externos, quanto internos da instituição escolar, dentre eles questões de gênero, gangues, narcotráfico, banalização da violência, desagregação familiar, etc. Autores como Dubet e Martuccelli (1997), apontam ainda que a violência à escola encontra suas causas na falta de sentido que a instituição apresenta, já que os alunos, geralmente oriundos de classes populares, não acreditam mais que os seus diplomas garantirão uma ascensão social.

Embora haja essa relação entre a pobreza e o aumento da violência, podemos nos perguntar: todas as situações de pobreza tem sido geradoras de violência? Abramovay (2003) ressalta que existem escolas bem sucedidas em comunidades consideradas violentas, desta forma, são desnaturalizados os discursos que priorizam essa relação como foco do problema. Ainda encontramos Guimarães (1998) que corrobora para a desmistificação pobreza geradora de violência, afirmando que boa parte dos alunos, oriundos das classes populares ou não, considera a frequência à escola um momento importante de descontração e lazer, construindo redes de amizades e vínculos com professores que julgam mais próximos e interessados.

As pesquisas revelam que a maior parte dos vínculos construídos no espaço da escola, decorre das formas de sociabilidade entre os pares e de algumas relações mais significativas com alguns professores. Tais interações acontecem na escola, mas não são produto deliberado das orientações de professores e administradores. Ao que tudo indica em escolas com índices reduzidos de violência ainda existiriam esses espaços extremamente valorizados pelos alunos, particularmente quando um conjunto de condições sociais adversas dificultam o desenvolvimento dessa sociabilidade em outros momentos de sua vida.
(SPOSITO, 1998, p.16)

Assim como Abramovay e Guimarães acreditamos que a violência não é um fenômeno típico de casos particulares e, portanto não pode ser explicada nem atribuída exclusivamente a um determinado grupo, como o das classes populares. Mas então, como os professores, principais agentes da instituição escolar, lidam com esse fenômeno? Uma notícia publicada em 1994 pelo jornal Folha de S. Paulo (Folha de São Paulo 9/5/1994 apud SPOSITO, 1998), por exemplo, retratava a situação de insegurança

enfrentada por professores na sala de aula já naquela época. A matéria informava que nos Estados Unidos pelo menos 270 mil estudantes entravam armados em sala de aula. Além de instalarem detectores de metal nos portões das instituições escolares, cerca de 70% dos colégios norte americano revistam seus alunos na entrada e fazem inspeções inesperadas em salas de aula. (SPOSITO, 1998, p.16). Ainda de acordo com a autora,

A violência seria apenas a conduta mais visível de recusa ao conjunto de valores transmitidos pelo mundo adulto, representados simbólica e materialmente na instituição escolar, que não mais respondem ao seu universo de necessidades. Outras respostas, talvez as mais frequentes, se exprimem no retraimento e na indiferença: os alunos estão na escola, mas pouco permeáveis à sua ação.

Uma pesquisa quantitativa abrangendo a comunidade escolar das escolas públicas do estado de São Paulo, realizada pela UDEMO (2000), coloca como uma das soluções para a violência escolar a participação da mídia promovendo à conscientização da educação como investimento para a vida, incluindo os pais, a comunidade e a sociedade. Enfatizando principalmente a valorização da educação escolar, da ética, dos direitos, dos deveres, da responsabilidade e do compromisso no convívio social. Essa pesquisa ainda aponta que o Estatuto da Criança e do Adolescente precisa ser revisto. Os Juízes, os Promotores de Justiça e os Conselhos Tutelares devem ampliar o trabalho em conjunto com a escola.

O problema da violência não pode ser considerado externo à prática pedagógica, de fora para dentro, não é e não pode ser resumida ao aluno que não aprende e perturba o andamento da aula. Ela vai muito além dos muros da escola. A relação interpessoal professor-aluno permeiam as esferas sociais, políticas, relações de poder e autoridade que podem levar a consequências extremas, como um assassinato em plena sala de aula. Nesta perspectiva, é notório que tanto nas escolas públicas, quanto em privadas o fenômeno da violência está presente, e as causas apontadas para tal são bastante variadas. Não pretendemos aqui solucionar o problema, mas entendemos que é crucial investigá-lo, visto sua complexidade.

METODOLOGIA

A abordagem adotada em nossa pesquisa foi qualitativa. Métodos qualitativos são apropriados quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e não tende à quantificação. Para tal, é preciso observar, registrar e analisar. Normalmente, são usados

quando o entendimento do contexto social e cultural é um elemento importante para a pesquisa (LIEBSCHER, 1998).

Como instrumento, utilizamos entrevistas semi-estruturadas. Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas. Foram realizadas 20 entrevistas, 10 com professores da rede pública e 10 com professores da rede privada da região metropolitana do Recife, do ensino fundamental I e II, buscando as representações destes a respeito da violência escolar, mais especificamente sobre as estratégias de enfrentamentos desta violência. A idade desses participantes variou entre 25 a 57 anos, ao todo foram entrevistados 11 homens e 8 mulheres

Os participantes foram escolhidos a partir de seu tempo de serviço, a partir de quatro anos de profissão, considerando que já obtiveram certa experiência na profissão. Escolhemos o Ensino Fundamental por serem os professores que convivem com os alunos das mais variadas faixas etárias. Os entrevistados assinaram um “Termo de Compromisso” que lhes deu ciência dos objetivos da pesquisa e nos deu permissão para que os dados obtidos na entrevista fossem utilizados por nós.

Fomos a três escolas, uma pública localizada em Olinda em um bairro considerado violento, e duas particulares localizadas em Recife e Olinda. Os critérios de escolha das escolas foi a partir do conhecimento de casos de violência ocorridos nessas instituições e da proximidade de nossas residências. Fizemos duas visitas a cada escola, totalizando seis visitas ao todo. As entrevistas foram gravadas em áudio e utilizamos como instrumento um gravador MP3 player. Posteriormente, transcrevemos todas as entrevistas. Foram atribuídos nomes fictícios aos entrevistados, para garantirmos o anonimato dos professores.

Para a análise, adotamos a abordagem desenvolvida pela psicologia social discursiva, proposta por autores como Billig, 1985, 1991 e Potter e Wetherell, 1987, a análise do discurso. Nessa perspectiva, os discursos são entendidos como formas de ação social com os mais diversos efeitos e desta forma se justifica nossa escolha de utilizar as entrevistas semi-estruturadas como instrumento. É uma abordagem que enfatiza a função e a variabilidade dos discursos. Compreende-se que é essencial uma mudança na maneira como entendemos a linguagem; no lugar de procurar algo que estaria subjacente ao discurso, algo ao qual teríamos acesso por intermédio do discurso, direcionamos nossa atenção para a maneira como o discurso é construído, para sua forma de organização, suas funções (Potter e Wetherrel, 1987; Gill, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que os professores relatam sobre a violência?

Para sabermos se os professores entrevistados tinham conhecimento da violência ocorrida nas salas de aula, decidimos inicialmente ouvir as narrativas a respeito de casos violentos presenciados por eles, ou até mesmo sofridos por eles. A pergunta foi exatamente: “Você já presenciou casos de violência contra o professor na sua escola ou contra você ou outras pessoas que fazem parte do ambiente escolar? Poderia nos contar como ocorreram alguns desses casos?” É notório que os professores das escolas públicas apontam mais situações de violência do que os professores da rede particular. Dois dos entrevistados dessa rede, por exemplo, afirmam ***não ter presenciado nenhum caso de violência escolar***:

Marcelo (25 anos, sem religião, escola privada): No momento... Não lembro agora no momento. Mas... Caso de violência escolar... Não num lem... num recordo.

Rosa (32 anos, católica, escola privada): Não, ainda não não tive nem tive nem quero ter ... nenhum tipo.

Mesmo constatando que o número de relatos desse grupo seja visivelmente inferior, a maioria dos discursos dos professores da rede particular aponta para a ***violência verbal*** sofrida ou presenciada por eles dentro das escolas, assim como colocam a ***indisciplina*** como um tipo de violência dos alunos contra eles:

Augusto (34 anos, católico, escola privada): Bom eh... um aluno que eu estava fazendo uma aula de revisão pra avaliação pra última unidade de um colégio onde eu, onde eu trabalho...

Entrevistadora: É particular?

Augusto: É particular. E o aluno ele não tava prestando atenção na aula, tava brincando muito, então, eu chamei ele, chamei o aluno pelo nome e disse que ele já tava brincando, já tinha passado do limite, limite da brincadeira, e pedi que ele fosse falar com a... a coordenação da escola, com a coordenadora da escola. Então, após ele levantar, pegar a bolsa dele e ir até a coordenação, ele... ele soltou, disse uma palavra de baixo calão.

Entrevistadora: E qual foi sua reação a isso?

Augusto: Na verdade foi assim, eu fiquei surpreso, porque eu, eu nunca assim, pensei que um aluno de, um aluno chegaria ao ponto de agir dessa maneira.

É interessante destacar também que alguns professores da rede particular relatam ***casos de violência ocorridos em escolas públicas***, que eles tomaram

conhecimento,

Jorge (43 anos, católico, escola privada): Já, aqui não nesse colégio não, mas em escola pública existe uma maior uma maior facilidade até mesmo pelo nível social dos alunos. É aquele tipo de aluno a convivência, a maneira pela qual eles vivem no ambiente então é mais sujeito a isso, não que na escola particular não exista, acontece também, mas é mais difícil, mostra que o aluno ele tem mais um, é um freio.

Armando (25 anos, protestante, escola privada): Mas é tem, tem várias histórias como essa que eu contei de um amigo que que um aluno deu as costas pra ele, tem aluno já teve aluno já teve professor aluno dizer pro professor que o professor é um nada que ele é um idiota. Então você vê que a realidade é bem diferente né?

É notório que a fala dos professores recorre a explicações sociais para a ocorrência de violência, enfatizando que o contexto da escola pública pode ser mais favorável para a ocorrência desta. Assim como os professores da rede particular, a maior parte dos relatos de violência dos professores da rede pública aponta para a *violência verbal* como o tipo de violência mais corriqueira nas escolas

Amara (43 anos, católica, escola pública): Não, que eu presenciei comigo é a falta de respeito com palavras não é? Tapa em mim nunca vieram não, mas agressões verbais eu já sofri.

Mas além da violência verbal, há casos graves em que professores de escolas públicas relatam que já foram *ameaçados fisicamente*, ou até mesmo *agredidos* em sala de aula

Luiz (39 anos, católico, escola pública): Olhe, comi, comigo, eu mesmo já recebi de pitombada... A gente tá de costa pro quadro, já levei uma pitombada na cabeça, aí consegui identificar o aluno, aí houve suspensão, chamaram os pais.

Vicente (57 anos, sem religião, escola pública): Ah professor agredido né? Como professor Otonio... que recebeu uma chinelada no rosto... no corredor, não eu não sei se foi uma coisa a propósito, ou foi eles brincando e sem querer...

Também encontramos relatos de professores de escolas públicas que já presenciaram *drogas e armas* dentro de suas salas de aula

Marieta (50 anos, católica, escola pública): Não, eu já presenciei menino dentro da minha sala cheirando cola, eh... eu já presenciei menino dentro da minha sala armado, eh... já presenciei um batendo no outro, menina batendo na outra.

Joana (48 anos, católica, escola pública): (...) Eu, nessa época esse aluno, né? estudava a noite, na época ai ele chegou atrasado e... invadiu assim a sala e chegou pra mim e disse que, que disse o seguinte: *O que a senhora me diria se... eu lhe dissesse que tava armado?* Ai eu respondi pra ele, *eu iria, eu diria que sou da paz e acredito que você também. Sente.* Ai ele sentou. Então pra mim, naquele momento que eu estava fazendo uma chamada e chegou um aluno que eu desconhecia né?

Estratégias de enfrentamento e sugestões dos professores para a violência

A partir dos relatos dos professores a respeito de casos violentos, questionamos como eles lidam com essas situações. Analisando as respostas dos entrevistados quanto às estratégias de enfrentamento para a violência, e percebemos que alguns, ao invés de descreverem suas atitudes de enfrentamento, preferiram apenas dar ideias de como a instituição escolar deveria enfrentar a violência. Logo, foram identificadas duas categorias distintas nos discursos: quanto ao que os professores ***fazem para enfrentar o fenômeno da violência*** em sala de aula e no espaço escolar; e o que os professores apenas ***sugerem que deve ser feito*** para que essa realidade seja transformada.

Dentre os relatos do grupo dos entrevistados que aponta fazer algo para combater atos violentos, a prática de ***manter um bom relacionamento*** com os alunos foi o método mais citado, principalmente, pelos docentes que atuam em escolas particulares.

Marcelo (25 anos, sem religião, escola privada): Bem, primeiro de tudo é você tentar manter um bom relacionamento. É o mais importante você manter um bom relacionamento (...) você pode até entrar em contato com a família, mas eu acho que a maneira é essa, é dialogar.

Joaquim (32 anos, protestante, escola privada): A, no, no meu ambiente de trabalho a violência que eu encarei ate hoje foi essa, mas o que eu sempre fiz foi conversar. É chamar ele depois da aula e dizer: *e ai, o que é que tá havendo?* E ai perguntar o que a pessoa ta passando e daí a gente tentar conversar o que ele tá passando e o que eu posso fazer, o que a gente pode fazer pra ele melhorar.

Seis entrevistados da instituição privada afirmaram que procedem com tal prática porque acreditam que o bom relacionamento entre professores e alunos é um meio bastante eficaz de conquistar a confiança e o respeito dos estudantes, assim como cinco entrevistados da instituição pública asseguraram em seus discursos que também agem da mesma maneira. Diante disso nos questionamos, será que a estratégia de manter um bom relacionamento não é uma forma velada de afirmar a perda da autoridade docente?

Marieta (50 anos, católica, escola pública): Olha, eu tento conversar, né? E tento respeitar até os limites deles, a minha linguagem é a deles, como eu disse a, ao menino da cola: *meu filho por favor, deixe pra cheirar depois. Na minha frente não.* Né? *Não menino guarde isso ai que eu vou chamar a polícia!* (gritando) Não, eu tenho que falar a linguagem dele, né? E ai a gente vai levando. E a gente já, a gente o tempo conversa com menino que foi preso, menino que tá na condicional e a gente vai conversando assim: *Ó tá chegando, tu vai fazer dezoito anos, tu tem cuidado, que se não tu fica de vez.*

Embora apontem o bom relacionamento, a maioria dos entrevistados de escolas públicas afirmou que o melhor meio de se coibir a violência dentro da sala de aula, contra os professores, é uma *reação com atos punitivos* como suspensões, expulsões e até mesmo com repressão policial (patrulha escolar) dentro do espaço escolar.

Luiz (39 anos, católico, escola pública): (...) Ai eles levam, eles não, começam a não respeitar justamente que a gente tá respeitando ele, então muitas vezes a gente tem que, digamos assim, fazer um papel de, de, autoridade, né? De aumentar o tom de voz e tomar algumas atitudes como, eh mostrar pra eles que existe punição, o fato de eles praticar uma violência aqui na sala de aula, tem uma punição pra isso né? Inclusive dentro do, do próprio estatuto, né? Se a gente for analisar direitinho, tem punição pra isso também. Também né só direitos não, também têm deveres. (...)Então a gente tem que mostrar isso a eles também, pra eles verem que... assim eles não, não são assim um mundo sem lei, né? Eles não tão acima da lei, a lei tá ai, existe pra isso.

Apenas um entrevistado da instituição pública disse *não existir possibilidade de se enfrentar a violência* dentro da escola.

Entrevistadora: E o que a senhora acha que os professores têm que fazer pra combater, esse, essa, essa prática dentro da escola?

Luzinete (55 anos, protestante, escola pública): Eu acho que a gente já, nós, nós estamos impotentes.

Nas entrevistas percebe-se um tom de lamento da parte dos docentes perante o fenômeno da violência. Parece-nos que a fragilidade da autoridade docente vem à tona quando estes se deparam com o enfrentamento da violência na sala de aula.

Três entrevistados da escola pública afirmaram obter bons resultados quando resolveram *mudar suas estratégias de ensino* no que diz respeito à abordagem de temas delicados, recorrentes da sociedade em que vivemos, tais como a violência contra a mulher, a discussão sobre o bullying entre outros assuntos.

Joana (48 anos, católica, escola pública): É... seria trabalhar com temática, trabalhar assim... com momentos de reflexões em cima desse tema e assim procurar ter, fazer enquetes, por exemplo eh... com alunos de oitava série eu trabalho o jovem e a violência né? Um artigo de publicação científica eu trabalho o jovem e a violência. Então eu to mostrando pra ele, explico pra eles o que é violência, mostro pra eles a questão da violência psicológica, a violência física, as sexuais, assim tal, agora dentro de um... tanto de um, eu por exemplo trabalhei Brasília. Eles não moram em Brasília, mas pra eles verem que também existe o problema, que é um problema eh... coletivo. É um problema social também da violência, não é só especificamente Recife.

As outras declarações que aparecem nas entrevistas permanecem apenas no campo das sugestões para o que deveria ser feito em relação ao enfrentamento à violência. Dois entrevistados da escola privada sugerem a *criação de programas para atrair jovens*, que abordem questões atuais e que sejam expressas com linguagens que se aproximam ao máximo da juventude.

Jorge (43 anos, católico, escola privada): Eu acho que campanhas é é alguns tipos de atividades jovens, atividades criativas que construa alguma coisa pra esses alunos que tenha essa visão ainda de mundo não é? O mundo dele ainda é voltado pra isso, mas é uma questão de construir não é? É criar criar pilares pra que eles, uma base pra que eles tenham um desenvolvimento mais longo.

Apenas um entrevistado da instituição privada dá a indicação de se *investir na formação de professores* para que os mesmos saibam agir de maneira mais adequada frente ao fenômeno da violência. Dentre os entrevistados da instituição pública, somente dois afirmam que se houvesse um empenho dos professores no *trabalho interdisciplinar*, questões como a violência seriam mais expostas a críticas e reflexões, levando alunos e comunidade escolar a agirem de maneiras diferentes.

Amara (43 anos, católica, escola pública): Eu to tentando assim de tudo, tem palestras, vai ter agora sobre o bullying no mês de maio, a gente vai trabalhar o tema e depois vai ter uma peça palestras chamar um psicólogo, mas a escola ela também sofreu uma desestrutura, antigamente a escola era melhor estruturada mas hoje não, mais complicado.

Outros entrevistados da escola pública apontam para a criação de *programas sociais para famílias e escolas* na tentativa de darem suporte na reestruturação da base social e familiar.

Marieta (50 anos, católica, escola pública): Agora essa

questão de assistência social à família eu acho que é, é por outro viés. Que geralmente a gente, a gente abre a escola, tem plantão pedagógico, tem dia dos pais na escola, mas geralmente os pais problemáticos, com filhos problemáticos, não aparecem. Então eu acho que do jeito que tem aquele programa de saúde, do SUS, que eh... os agentes de saúde visitam as casas, eu acho que tinha que ser um programa desse também pra ver se solucionava os problemas sociais, né? Da família. Porque tudo passa pela família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, o que nos chama atenção na fala dos docentes é que trabalham com a ideia de estrutura familiar pré-estabelecida: pai, mãe e filho, justificando principalmente a violência a partir da desestrutura desse tipo de família e aparentemente desistindo de buscar meios consistentes para combater a violência, considerando que alcançar esse ideal familiar para a maioria dos alunos é algo praticamente impossível.

As questões políticas, como a violência estrutural, estão mais presentes nos discursos dos professores da rede pública, enquanto a conjuntura social do sujeito, como a localização da moradia e a classe social a qual pertence, aparece mais recorrente nas falas dos professores de escolas particulares, remetendo ao determinante: pobreza geradora da violência. Voltamos a enfatizar que não consideramos a violência algo típico de grupos particulares. Para nós o determinante “pobreza geradora de violência” é insuficiente para explicar as causas desse fenômeno social tão complexo.

É importante destacar que a quantidade dos relatos de violência presenciada ou enfrentada pelos professores é muito maior nos discursos dos professores da rede pública, enquanto que, nos discursos dos professores da rede particular, esses relatos aparecem bem mais reduzidos, inclusive dois professores afirmam nunca terem passado ou presenciado situações de violência nas escolas em que trabalhavam. Tanto os professores da rede pública quanto os professores da rede particular afirmam que a maior recorrência da violência nas escolas é a violência verbal. Além disso, alguns professores da rede pública citam atos de violência física e ameaças a sua integridade física pelos alunos, como ser atingido na cabeça por objetos, ser ameaçados com arma e encontrar alunos usando drogas.

Quando perguntamos sobre as estratégias de enfrentamento para esses atos de violência, os professores muitas vezes não distinguem o que realmente fazem na prática, para combater a violência, das sugestões que tem para combatê-la. A tentativa

de manter um bom relacionamento com os alunos foi o método mais citado, principalmente, pelos docentes que atuam em escolas particulares, para o enfrentamento da violência. Ainda encontramos professores que colocam que o melhor meio de se coibir a violência dentro da sala de aula, é uma reação com atos punitivos como suspensões, expulsões e até mesmo com repressão policial (patrulha escolar). A tentativa de manter um bom relacionamento e buscar soluções para a violência em outras esferas, mais uma vez nos instiga a pensar que isso demonstra a fragilidade docente diante de um fenômeno ao qual não sabem como reagir. Será que a busca da solução em outras instituições não seria uma afirmação da fragilização do professor perante o fenômeno da violência?

As sugestões dadas pelos professores para o enfrentamento da violência giraram em torno da mobilização dos próprios professores para o combate a violência nas escolas, assim como esses em conjunto com a sociedade e a comunidade, numa tentativa de promover a conscientização dos alunos, assim como a interdisciplinaridade. A falta de coerência encontrada nos discursos dos docentes em relação ao enfrentamento da violência evidencia que essa questão ainda não está estruturada na prática docente dos professores, tanto de escolas públicas quanto de escolas particulares.

Indicamos que mais pesquisas a respeito da temática sejam feitas, visto a dificuldade que os professores apresentaram em lidar com esse fenômeno presente no cotidiano escolar. Enfatizamos que os cursos de formação de professores devem, ao menos, dar subsídios para que os professores pensem a respeito de modelos de enfrentamento para a violência nas escolas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. Enfrentando a violência nas escolas: um informe do Brasil. *Violência na escola: América Latina e Caribe*. Brasília: UNESCO, 2003. p. 89-150
- _____; RUA, M. das G. *Violências nas Escolas*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- ADORNO, T. *Teoria Estética*. Lisboa: Martins Fontes, 1988.
- BILLIG, M. Prejudice, categorization, and particularization: from a perceptual to a rhetorical approach. *European Journal of Social Psychology*. 15, 79-103. 1985
- _____. *Ideology and opinions*. Sage Publications. London. 1991
- CAMACHO, L. I. *Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si*. São Paulo, 2000.

Tese (dout.) Universidade de São Paulo.

CHAUÍ, M. Ética e violência. Revista *Teoria & debate*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, n. 39, p 32-41, out./nov./dez. 1998.

CHARLOT, B. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHESNAIS, J. C. *Histoire de la violence*. Paris: Éditions Robert Laffont, 1981.

DUBET, F., MARTUCCELLI, D. *A l'école: Sociologie de l'expérience scolaire*. Paris: Seuil, 1997.

EVANS, P. *The verbally abusive relationship: how to recognize it and how to respond*. 2 ed. Massachusetts: Adans Média Corporation: Holbrook, 1996

GILL, R. Análise de discurso. Em: M. W. Baver & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som* (pp.244-269). Rio de Janeiro: Vozes, 2002

GUIMARÃES, M. Á. *Vigilância, punição e depredação escolar*. Campinas: Papyrus, 1998.

LIEBSCHER, P. Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. *Library Trends*, v. 46, n. 4, p. 668-680, Spring 1998.

MARQUES, N. A. *Retrato falado da violência na escola pública*. Tese: Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas, Fortaleza, 2006

MICHAUD, Y. *A Violência*. São Paulo, Ática, 1989.

MINAYO, M. C. de S. *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Fundação Ford, Fiocruz, Ed. Garamond, 1999.

PERALVA, A. *Violência e democracia. O paradoxo brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

SANTOS, J. V. T. dos. *A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias*. Educação e Pesquisa: Revista da Faculdade de educação da USP, São Paulo: v. 27, n.1, p.105 -122, jan./jun., 2001.

SPOSITO, M. P. A Instituição escolar e a violência. *Cadernos de Pesquisa*, n.104, p. 58, jul. 1998

UDEMO (SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO MAGISTÉRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO). *Pesquisa violência nas escolas - 2000 Incidência, causas, conseqüências e sugestões*, São Paulo, 2000.

PINO, A. *Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo*. Educ. Soc. vol.28 no.100 Campinas Oct.2007

POTTER, J. & WETHERELL, M. *Discourse and social psychology: beyond attitudes and behaviour*. London, Sage. 1987

ZALUAR, A. *A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan / UFRJ, 1994.

ZALUAR, A; LEAL, M.C. *Violência extra e intramuros*. RBCS Vol. 16 no 45 fevereiro/2001